

AS INJUSTIÇAS E AS VACAS DE BASÃ EM AMÓS, ONTEM E HOJE

Las injusticias y las vacas basã en amos, ayer e hoy

Antonio Francisco Jacaúna Neto^(*)
Simone Furquim Guimarães^(**)

Resumo

Esse artigo tem como objetivo fazer uma leitura da situação pela qual o mundo está passando, à luz de uma releitura do livro do profeta Amós. Para isso, foi utilizada uma revisão bibliográfica na análise hermenêutica de alguns textos para explicitar elementos de compreensão, especialmente ligados à questão da injustiça. Dentre estes textos analisados, pesquisou-se Am 4,1-3, fazendo um corte da leitura feminista, oferecendo aqui uma possível interpretação e esclarecimento sobre a menção do profeta às “Vacas de Basã”. Esse artigo pretende explicitar a temática sobre as injustiças do passado e do momento pandêmico que o mundo passa, inclusive no uso do discurso religioso de “um certo” posicionamento cristão.

Palavras-chave: Profetismo. Injustiças. Pandemia. Juízo Divino.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo hacer una lectura de la situación por la que atraviesa El mundo, a la luz de una reelctura del libro del profeta Amós. Para ello, se utilizo una revisión bibliográfica en El análisis hermenêutico de algunos textos para explicar elementos de comprensión, especialmente vinculados al tema de la injuticia. Entre estos textos analizados, se investigo la Am 4, 1-3, haciendo um corte de la lectura feminista, ofreciendo aqui, una posible interpretación y aclaración sobre la mención del profeta a las “Vacas de Basã”. Este artículo pretende aclarar el tema sobre las injusticias del pasado y el momento pandêmico que atraviesa El mundo, incluyendo el uso del discurso religioso de “una cierta” posición cristiana.

Palabras-clave: Profetismo. Injusticias. Pandemia. Juicio Divino.

1 INTRODUÇÃO

O livro do profeta Amós possibilita ler a história de um passado histórico não muito bem identificável, e relacioná-lo com o momento pandêmico pelo qual o mundo está vivenciando desde final de 2019. É um livro de *um tempo que se chama hoje*².

Esse artigo tem como objetivo fazer uma leitura da situação pela qual o mundo está passando, à luz de uma releitura de textos desse profeta que aborda sobre as injustiças. Para isto, foi utilizada uma metodologia que inclui uma revisão bibliográfica, mostrando quem é esse profeta, qual o conteúdo de sua profecia e explicitar alguns

^(*) Antonio Jacaúna, mestre em teologia pela FAJE. É assessor do Cebi-Planalto Central, e professor do Instituto Federal de Goiás. Email: antonio.jacauna@ifg.edu.br

^(**)¹ Simone Furquim, mestre em teologia na linha bíblica, pela Faculdade EST. É assessora e coordenadora do Cebi-Planalto Central. Email: Simone_furquim_guimaraes@yahoo.com.br.

² O termo “tempo que se chama hoje”, é colocado aqui, como reconhecimento e homenagem, a um professor, que inseriu nesse modo de fazer estudos bíblicos: Wolfgang Gruen, reportando o nome de um livro seu, publicado pela editora Paulinas em 1977: “O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento”.

elementos do texto bíblico, com destaque para Am 4,1-3, em que são mencionadas as “vacas de Basã”.

Será feita a análise de partes das profecias de Amós, especialmente ligadas a questão da injustiça social. A análise de Am 4,1-3, será feita a partir do método da hermenêutica feminista, com vistas a desconstruir interpretações correntes sobre o texto e tentar reconstruir o texto com uma possível interpretação, a partir das ferramentas exegéticas da crítica textual.

2 O PROFETA

Amós é um profeta precursor no Antigo Israel, especificamente no Reino do Norte, e o faz de modo radical, exemplar e paradigmático. Ele saiu da cidade de Técuá, cerca de 10 km de Belém, que pertence ao reino de Judá, e foi profetizar cerca de 200 km dali, ou seja, no reino de Israel. Os termos utilizados para autodenominar sua profissão podem ser entendidos, tanto como um vaqueiro (1,1) - mais provável ser empregado do que dono de animais, quanto como um agricultor - mais provável ter sido diarista que cultivava e colhia sicômoros (7,14), uma espécie de figueira, pouco comum em Belém (MARTOCCIA, 2011), cujos frutos precisavam ser sangrados no pé, para ficarem doces ao paladar.

Recorda-se que Técuá era uma região seca e havia muitos grupos de tendas. Embora alguns possam pensar que Amós seria um latifundiário com produção tanto de animais como de plantações; o mais provável é que ele fosse um trabalhador braçal, que buscava atividades remuneradas, conforme lhe era possível. Por exemplo: na época da sangria e da colheita de sicômoros, ele era um dos “boias-frias” que trabalhava com esse fruto, e noutra época, cuidava dos animais como um vaqueiro. Sobre isso, Milton Schwantes (2004) lembra que “[...] provavelmente era uma espécie de diarista, possivelmente um sem terra”. (SCHWANTES, 2004, p. 59).

Em Am 7,14 ele diz “não ser um profeta”. Ou seja, não pertence a nenhum grupo profético e, portanto, não se enquadra nos moldes tradicionais desse exercício (pode-se ter presente outros profetas, como Moisés, Elias, Débora, Hulda...). Na verdade, ele era uma pessoa que não estava ligada ao modo como os primeiros profetizaram ao povo (Dt 34) e nem aos que profetizaram para o Palácio do rei (2Cr 18); por isso, afirma que não nasceu profeta, nem pertencia a nenhum grupo profético. Assim, ele exprime a distância das formas institucionais da profecia e dos profetas, colocando-se como um trabalhador,

que foi retirado dos seus afazeres para exercer a atividade profética, por ordem divina. E, é nesta parte que concentra toda sua profecia: tudo o que ele profere, ele o faz por mandato de Deus, que lhe dá toda autoridade para proferir os oráculos diante das injustiças perceptíveis daquela época.

Analisando sua profecia, pode-se dizer que ele era conhecedor da situação sócio política internacional, assim como também de certos costumes religiosos. Temos claro isto logo no início de seu livro, onde cita vários crimes praticados por sete povos, e termina incluindo Israel nesta lista, afirmando que por três crimes o Senhor suportou, mas por quatro, Ele não suportará. São eles: Damasco, Gaza, Tiro, Edom, Amon, Moab, Judá e Israel.

Na Bíblia Hebraica, há o uso de dois termos significativos para o exercício da profecia de Amós. Sua atividade profética pode ser entendida a partir de duas perspectivas, tais como: *Nevi'im e Nabi's*. O vocábulo *Nevi'im* pode ser traduzido por “aquele que fala em nome de Deus”, e o vocábulo *Nabi's* significa o “intermediário, intercessor”. Assim sendo, *Nevi'im* aponta para alguém que recebera de Deus um oráculo e o profere às pessoas; enquanto *Nabi's* aponta para aquele que se põem a pedir em favor de outrem. Ao analisar a atividade descrita no seu livro, vê-se nele, tanto o exercício próprio de um *Nevi'im* (3, 1s; 8, 9s; 9, 11s), quanto de *Nabi's* (5, 7-17; 7,2 e 5;).

Ou seja, Amós constituiu-se, ao mesmo tempo, como um porta-voz de Deus, que se mostrou um defensor de quem de fato trabalhava, produzia em sua sociedade, e que era extorquido por um Estado opressor; como também, um advogado desse povo a quem ele suplicou à Deus, que olhasse com misericórdia, e fizesse justiça a favor dos seus. Ele exerceu sua profecia por poucos meses³, mas, embora o período tenha sido curto, foi de tamanho significado que o texto não só foi conservado como teve adesão de grupos posteriores, que fizeram uma redação mais clara, inclusive situando quando ele teria exercido a profecia e, mesmo que com alguns acréscimos, como por exemplo, a

³ Em 1,1, o texto menciona um terremoto, mas conforme notas de rodapé da Bíblia do Peregrino, os pesquisadores não sabem precisar quando esse teria ocorrido. Porém, ao citar que exerceu a profecia no tempo em que Ozias era rei em Judá (792-740), e Jeroboão era rei em Israel (786-746), chega-se a uma data provável: 745 a.C, e a primeira introdução ao livro, teria ocorrido por volta 722 a.C. Há diferentes releituras sobre a redação final do livro, sendo a mais solidificada, a de que ela seja resultado da junção de oráculos de épocas diferentes. Destes, os dois mais antigos seriam 1, 2 – 2, 16, e 7,1 -9, 5, Provavelmente as composições mais antigas, datem meados 745 a.C., e surgiram como literatura de protesto e resistência.

introdução (1,1-2)⁴; transformaram o livro em um texto único, com ênfase na manifestação divina diante das injustiças que estavam sendo cometidas.

3 AMÓS: O PROFETA QUE DENUNCIA AS INJUSTIÇAS

A profecia de Amós é, em certo modo, um divisor de águas na história da profecia bíblica, no sentido de que instaura um novo jeito de ser profeta. O conteúdo do livro dedicado ao seu nome, ecoa uma realidade, em que apenas alguns poucos usufruíam da prosperidade de um reinado, o profeta diz que Deus está indignado com quem maltrata o pobre e promove as injustiças.

Em seu discurso, Amós resgata a antiga história de Israel para aplicá-la a uma nova situação. Um ponto particular de relação com o Êxodo é a presença do refrão: “mas não retornastes a mim” (4,4-13). Isto porque, assim como no relato das pragas, em que o endurecimento do coração do Faraó foi motivo estruturante que faz aumentar as pragas; o profeta diz que também, naquele momento presente, aquelas pessoas ainda não haviam se voltado para Ele.

O profeta se mostra conhecedor dos costumes religiosos e utiliza de passagens dessa tradição antiga, apontando que assim como naquela época houve uma intervenção de um Deus em favor de um povo que sofria as injustiças egípcias, agora Ele também vai intervir.

Para isso, Amós retoma alguns fatos do Egito. Em um primeiro grupo de textos⁵, a tradição bíblica aponta o Faraó como o responsável pelo seu próprio endurecimento, como havia predito Deus (Ex 7,14.22; 8,11.15.28; 9,7.34); outro grupo de textos⁶, atribui a obstinação ora a Faraó (Ex 9,35), ora a Deus mesmo (Ex 10,20.27). Esta diversidade de concepção no atribuir a responsabilidade pelo erro/pecado, aparece também em outros textos fora do Êxodo, com diferente vocabulário e problemática⁷, o que mostra o quanto essa atribuição é recorrente.

Embora Amós conhecesse esse costume de culpabilizar uma pessoa como sendo responsável pelo pecado/erro, ele rompe com essa individualização, mostrando que esse

⁴ Schwantes afirma que, embora haja estes acréscimos, o livro se constitui como uma única obra coesa, “[...]constatado que o livro de Amós, de fato, é um todo e que este faz sentido como tal.” (SCHWANTES, 2004, 141).

⁵ Atribuídos tradicionalmente à fonte Javista.

⁶ Atribuídos à fonte Eloísta.

⁷ 2 Samuel 24,1, Javé é o responsável direto pelo pecado de Davi devido ao recenseamento, e 1Crônica 21,1 a responsabilidade é, ao invés, de Satanás.

pecado não ocorre devido às ações de somente uma pessoa, mas de uma sociedade. Assim, o foco não recai sobre um homem, uma mulher ou sobre Deus; e sim, sobre uma prática estruturada por grupos de pessoas. Conforme Shwantes (2004), a crítica não é a uma pessoa, e muito menos, às mulheres da Samaria. Ele critica os agentes e mecanismos de exploração e opressão dos camponeses empobrecidos sob o governo expansionista do rei Jeroboão II, de modo que o que ele dizia, “contradizia a opinião promovida pelo Estado e pela religião” (SHWANTES, 2004, p. 16), uma vez que essa “aliança”, gerava uma estrutura de opressão, que propiciava a ostentação de alguns grupos, devido a uma carga alta de tributos. Isso porque:

O tributarismo conhece uma visão de contestação e crítica radicais ao Estado. Essa era uma experiência histórica possível dentro do modo de produção tributário. [...] Nessa tradição estão as palavras de Amós. É água do poço do tribalismo[...]. As palavras de nosso visionário colocam sobre a mesa a questão do poder e do Estado. (SHWANTES, 2004, p. 81)

Em outros termos, Amós não apenas critica grupos corruptos, mas questiona também, de modo muito forte, o sistema gerador desses grupos. Desse modo, não somente as mazelas das pessoas estão na mira desse homem de Técuá, mas as inconveniências que se transformaram em um problema gerador de injustiças reinante naquela sociedade. Ele profere oráculos de Deus, condenando-as e afirmando que aquelas injustiças não são fruto somente de fraquezas e ambiguidades pessoais, mas, que fazem parte das estruturas econômico-político-cultural de uma prática social e religiosas que maltrata inúmeras pessoas. É nesse sentido que se lê a denúncia contra as relações que causam endividamento, aprisionam uns e escravizam outros, retirando a liberdade de ser pessoa humana para serem tratadas como coisas e/ou animais.

Amós aponta as injustiças e maldições, como por exemplo: Samaria é acusada por roubo, violência nos palácios (e extorsões), conforme Am 3, 9; e Israel terá muro, que lhe dava segurança, ruir em breve, conforme 7,7-9; 8,1-2 e 9, 1ss (o que de fato, aconteceu cerca de 40 anos após, em 722 a.C); e também denuncia as injustiças de grupos específicos, mostrando sempre a visão de Deus que quer o direito e a justiça: “... que o **direito** corra como a água e a **justiça** um rio caudaloso!” (5,24. Grifo nosso). Os grupos promotores de injustiças, elencados nos oráculos do profeta, são os seguintes:

- **Juízes** – corruptos: 2, 6-7; 5,7; 6,12b.
- **Governantes** – praticam a injustiça: 6, 3-11.
- **Comerciantes** – vendem coisas estragadas e falsificam balanças: 8, 4-8.
- **Sacerdotes** – não escutam a Deus: 7,16-17; possuem cultos – Liturgias, cânticos e holocaustos vazios: 5, 21-25.

- **Poderosos de Israel** – engolem os pobres: 8,4-6.
- **Forças militares** - dos estados vizinhos: 1,5.8b.14b; 2,2b; e, sobretudo, de Israel: 2,13-16; 3,11b; 5,2-3; 6,13-14.

Ao elencar as diferentes e diversas formas de injustiças, pecados, erros e abominações que esses grupos de Israel estavam praticando, o profeta diz que Deus não fica indiferente. A ação divina ocorre de modo que o leitor possa lembrar em Ex 3,1-10, onde Moisés tem um encontro com o Senhor e esse lhe dirige a palavra, do meio da sarça ardente, dizendo:

⁷ Vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores, prestei atenção a seus sofrimentos.

⁸ E desci para livrá-los dos egípcios, para tirá-los dessa terra e levá-los a uma terra fértil e espaçosa...⁸

Amós mostra que novamente “a queixa dos israelitas chegou até mim [o Senhor]” (Ex 3,9), e sua ação será julgada por oprimir o seu povo. A forma desse julgamento é descrita em vários momentos do livro. Dentre essas passagens, destacam-se três visões narradas no capítulo 7, quais sejam: a) sob a forma de uma eclosão de gafanhotos enviada a uma plantação, b) o fogo que provoca a seca e, c) um fio de prumo; bem como, uma visão narrada no capítulo 8: um cesto de figos maduros; e, por último, uma visão narrada no capítulo 9: em que o Senhor está de pé e junto ao altar. Em todas essas visões, a postura é de um Deus que se posiciona contra as injustiças, destrói o que nela há, para que algo novo surja, mudando a sorte do povo de Israel (9,11-15). Este novo, é claro, diz sobre o direito e a justiça. Esse é o “refrão” que o profeta coloca na boca de Deus; **praticai o direito e a justiça** (5, 7.14. 24).

Além das várias injustiças presentes nos textos acima apontados por Amós, destacamos aqui a indignação do profeta contra o que ele vocifera: “Vacas de Basã”, em Am 4,1-3. Quer-se entender a origem da construção desse texto, e possíveis interpretações posteriores, que pode estar relacionada “ao modo” em que suas profecias foram repassadas.

⁸ Schökel (2006).

4 AS VACAS DE BASÃ: POSSÍVEIS INTERPRETAÇÕES DE AM 4, 1-3

Em várias versões bíblicas, o texto de Am 4, 1-3 vem precedido com o título: “Contra as mulheres de Samaria”⁹. Sabemos que toda tradução vem imbuída da interpretação de quem traduz. E os tradutores tradicionais entenderam que essa perícope¹⁰ é uma profecia de denúncia contra as mulheres ricas de Samaria, da elite daquela sociedade, e por isso, o profeta as chama de “vacas de Basã”.

Vejamos o texto, conforme tradução de Schökel:

¹ Escutai esta palavra, vacas de Basã, no monte de Samaria: Oprimis os indigentes, maltratais os pobres, pedis aos vossos maridos: “Traze de beber”.

² O Senhor jura por sua santidade: Chegará a hora em que os agarrarão com arpões, e a vossos filhos, com ganchos;

³ sairá cada uma pela brechas que tiver à frente, e vos atirarão no esterco - oráculo do Senhor.

Textos violentos são incomodadores, ou, deveria ser. Além disso, nesse caso, muitas vezes são utilizados como legitimadores da violência contra as mulheres. Nestes casos, dever-se-ia exercer o costume de sempre perguntar e pesquisar mais, na tentativa de desconstruir traduções e interpretações que muitas vezes nos levam a acomodação, e nos induzem a aceitá-las assim como estão. Por isso, a proposta deste artigo é de fazer uma análise deste texto na ótica feminista, que basicamente é o olhar da suspeita de quem precisa perguntar...

De forma sucinta, e aplicável aqui na análise deste texto, quer-se dizer que o método da leitura e hermenêutica feminista percorre pelo menos três passos: suspeita, desconstrução e reconstrução. Este método visa reconstruir o texto de forma a libertar as mulheres das teias do poder patriarcal.

A principal pergunta/suspeita que se deve fazer a este texto é: Quem são as “Vacas de Basã”? Em decorrência dessa provocação, vamos levantar outras perguntas: Será que são as mulheres ricas da sociedade Israelita? Na sociedade Israelita era costume que mulheres tivessem poder de dominação sobre seus maridos?

Para responder essas perguntas, é preciso ir ao segundo passo desse método, que é a desconstrução. A desconstrução não visa “destruir” o texto. Desconstruir é um verbo

⁹ Vide: Bíblia de Jerusalém, TEB, CNBB e Pastoral.

¹⁰ Pericope é um termo grego que significa “cortar ao redor”, ou seja: uma parte destacada de um texto, para ser analisada e estudada em separado.

antigo, que tem haver com desfiar. O texto é formado por fios de palavras. Vai-se desfiando o texto, para conhecer a textura dessas palavras, conhecer seu significado original na língua hebraica, conhecer o contexto histórico, geográfico por trás do texto etc.

Primeiro, é preciso situar geograficamente a região de Basã. Segundo o rodapé da Bíblia de Jerusalém, Basã situa-se na região oriental do rio Jordão, e era célebre por suas pastagens e seus rebanhos de bois, carneiros, vacas e ovelhas bem alimentados. Possuía um solo fértil, e por isso famoso. Esta região situa-se, pois em Samaria, capital do Reino do Norte, lugar de atuação do profeta. É importante informar que essa região pertencia ao povo Árabe, mas que em 1967, na Guerra dos Seis Dias, essas colinas foram tomadas (roubadas) pelo Estado de Israel, e, Basã é hoje as Colinas de Golã.

E quem são as “Vacas de Basã”?

A resposta está nos verbos de ação: “oprimis” e “maltratais” (4,1). Esses verbos indicam quem costuma praticar tais violências, que tipo de violência praticava e contra quem.

Anteriormente foi apontado que o profeta está denunciando as autoridades da elite política, religiosa, os senhores que exercem o “poder sobre”, e estão oprimindo o povo pobre e fraco (as vítimas) à custa de pesadas multas, tributos. Conforme Am 2,8, estes se refastelam de comidas e bebidas que retiraram do povo. Este é o contexto histórico.

Moreira (2012) defende a tese, de que o profeta Amós usou originalmente o termo “Touros de Basã”. Este é um termo conhecido, e proferido pela sociedade israelita, tanto no Pentateuco, como nos livros sapienciais e noutros livros proféticos. Essa afirmação é comprovada, ao analisar os locais em que o termo “Basã” é mencionado com diferentes conotações, como em Dt 32,14; Sl 68,16; Is 33,9; Mq 7,14. Segundo este pesquisador bíblico, percebe-se que em nenhum outro local da Bíblia, ao referir-se à Basã, diz-se sobre “as vacas”, a não ser nesse trecho de Amós! Por isso, provavelmente, o texto poderia estar referindo-se “aos touros” de Basã, que são imagens dos inimigos poderosos (cf. Sl 22,13 e, sobretudo, Ez 39,18); mas que, posteriormente, a escola profética oriunda de Amós, interpretou e trocou o uso comum: Touros de Basã para “Vacas de Basã”, com a intenção de ironizar, ao chamar aqueles homens opressores de Samaria de “vacas”. Ainda segundo Moreira: “tomaram-se ‘vacas’, com as conotações depreciativas que as formas femininas podem ter no Primeiro Testamento” (MOREIRA, 2012, p.5).

Já Dreher (2016), defende a tese de que o profeta Amós usou a expressão “Vacas de Basã” para criticar os homens (e não as mulheres), que eram cortesãos das autoridades (reis) em Israel. Em sua análise do texto, ele certificou que nos versos 2 e 3,

no hebraico original, os pronomes (vossos, vós e vos) estão no masculino, apesar da palavra “vacas” ser feminina. Segundo Dreher: “Não há, pois, como duvidar de que, para Amós, as “Vacac de Basã” não são as mulheres da corte de Samaria, mas, de fato, cortesãos, homens, que sua santa ira desqualifica totalmente!” (DREHER, 2016, p. 14).

Outro aspecto abordado por Moreira (2012), e que está em consonância com a hermenêutica da suspeita, é a afirmação de que mulheres mandam em seus maridos, como está traduzido no v.1: “Trazei-nos o que beber!”; isto não é coerente numa sociedade reconhecidamente patriarcal. É justamente neste ponto que existe a suspeita:

“A imagem de um banquete só de madames é, no mínimo, algo curioso em uma sociedade reconhecidamente machista e patriarcal, assim como atribuir às mulheres a responsabilidade pela opressão e pela injustiça” (Moreira, 2012, p.5).

É sabido, que na sociedade israelita existe uma hierarquia, e papéis bem definidos entre homens e mulheres. Nesta, o homem é o senhor sobre a mulher e filhos. Não existe a possibilidade, nesta sociedade, de mulheres “mandarem” em seus maridos. Mas, a tradução comum traduz “maridos” (4,1b), o que também não é certo. O termo em hebraico para “marido” é “*ba'al*”, mas neste texto, não temos esse termo. A palavra original em hebraico neste texto é “*adonai*”, que quer dizer “Senhor”. Este termo remete para as autoridades que ocupam o pico da pirâmide estrutural da sociedade israelita: os reis, os sacerdotes, os generais etc, e que são os promotores da injustiça.

Tanto Moreira (2012) quanto Dreher (2016) estão de acordo que “vacas” é uma referência aos homens, e não às mulheres de Samaria. São os que vivem oprimindo os indigentes e esmagando os pobres. Quem são essas vítimas que estão também no versículo 1? Os indigentes (do hebraico os *dalim*) são os fracos, os que estão em pele e osso; e os pobres (do hebraico *ebionim*) são os que ficaram pobres e miseráveis por causa daqueles homens de Samaria que, conforme Am 2,8, estão na casa de Deus, comendo e bebendo vinho, os quais são produtos da exploração, dos penhores dos pobres.

Amós joga toda a sua ira contra essas pessoas, e vocifera: “Vacac gordas”! Vacac de Basã! Nos versos 2 e 3, sua ira se revela na maldição contra os opressores e esmagadores e que acontecerá no *Dia de Javé*, que é o dia da desgraça para Israel. Em Amós 5,18-20 encontra-se uma síntese sobre como será esse dia de Javé.

No pensamento do profeta, a maldição de Javé é necessária para que os pobres e indigentes possam resgatar sua dignidade, viver em liberdade e sem opressão.

Olhar o texto a partir da hermenêutica da suspeita é importante para fazer jus às mulheres em Israel, que foram vítimas de várias formas de violências. E aqui, mais uma vez, por uma violência do poder patriarcal, que está imbuída em uma sociedade, quando perpetua uma interpretação de que as mulheres detinham o poder, e, usou-o para oprimir, e esmagar um povo. Tal tradução leva a justificar o mal oriundo por mulheres opressoras.

É preciso fazer justiça às mulheres, e reconstruir o texto de Amós como fora escrito. Este é o terceiro passo do método da leitura e interpretação bíblica na ótica da mulher. Trazemos uma proposta de reconstrução a partir da análise de Moreira (2012) e Dreher (2016):

¹ Escutai esta palavra, **Touros** de Basã, no monte de Samaria: Oprimis os indigentes, maltratais os pobres, pedis à vossas **autoidades/senhores**: “Traze de beber”.

² O Senhor jura por sua santidade: Chegará a hora em que os agarrarão com arpões, e a vossos filhos, com ganchos;

³ sairá cada um pela brechas que tiver à frente, e vos atirarão no esterco - oráculo do Senhor.

Importa ressaltar que Dreher (2016) afirma que aquela sociedade – transmissora do texto sagrado, esta imbuída de uma cultura patriarcal, a qual pode ter colocado na mulher, algo que não era de sua exclusiva responsabilidade, pois “Amós está chamando os homens da corte de Samaria de ‘Vacas’ e, mordazmente, acusando-os de serem amantes do rei e de seus principais oficiais!” (DEHER, 2016, p. 12).

Como se percebe, trata-se de uma releitura dos textos bíblicos, sempre suspeitando de traduções que não condizem com o contexto histórico, e que muitas vezes levam a legitimar as violências contra as mulheres. Isto propicia fazer jus às mulheres, e traz uma possibilidade de reconstrução do texto como Amós deveria ter escrito.

O texto de Amós propicia conhecer os opressores da sociedade Israelita, e também joga luzes para enxergarmos os opressores e opressoras de hoje. Estes são hoje os/as cortesãos/ãs, que se refastelam de riquezas ao se aliar às autoridades políticas, econômicas, sociais e religiosas, que são responsáveis por produzirem cada vez mais fome e miséria, sobretudo neste tempo de pandemia causada pela COVID 19.

A leitura desse texto espanta e impressiona pela atualidade, pois ainda hoje, prolifera-se essas posturas de lideranças políticas e religiosas. Algumas destas, ao invés de assumirem seu *munus* profético, em denunciar os descabros provocados pela

Pandemia, costumam-se esbaldar-se com privilégios oferecidos pelos detentores do poder.

Amós, muito provavelmente, se indignaria ao ver tais personagens ditos religiosos, que enquanto o povo sofre, portam-se como às vacas de Basã: engordando e simplesmente preocupadas em se alimentar dos bons pastos e alheias aos destinos dos sofredores. Depreende-se, e não seria exagerado supor, Amós vociferando também contra os ricos proprietários, que cobram para que o "engenho Brasil" continue a produzir caudalosos lucros, mesmo a custa do grande contingente humano, seja contaminado nos transportes públicos lotados, nas festas clandestinas etc.

Assim, a figura ilustrada por Amós, as novas “vacas de Basã” voltaram exclusivamente para engordar e compor a paisagem dos poderes deste mundo. E, evidentemente, como outrora, essas vacas são sustentadas pelos extratos mais empobrecidos do país, e muitos deles compõem a grande maioria dos que morreram pela Covid 19. São os *dalim* e os *ebionim*.

5 AMÓS E A PANDEMIA DO COVID-19

Desde os primeiros meses de 2020, o Brasil vive sob o efeito da Corona Vírus, COVID-19, que abrevia a vida de milhares. Assim como naquela época, há “representantes de Deus” que não escutam os profetas de hoje, e criticam posturas que salvam vidas, sejam estes evangélicos¹¹, ou católicos¹². Trata-se dos atuais Amasias, insensíveis ao momento sofredor do povo, preferem continuar suas celebrações vazias (5,21-24), as quais Deus diz que não lhe agrada! Também a esses, deve-se profetizar, como fez Amós.

O profeta fez um trocadilho com o local em que Amasias exercia o sacerdócio. Como o oráculo que ele proferiu, em nome de Deus, foi rejeitado por aquele ‘representante de Deus’, o sacerdote de *Bet el*, que significa “a casa de Deus”(5,5), esta se tornará *Bet awen*, ou seja: “casa da iniquidade” (5, 6). Já não se pode dizer que o

¹¹ A título de exemplo: um pastor na Paraíba, afirmava que a fé em Deus protegeria os crentes da contaminação desse vírus, não precisando de distanciamento social; ele não só contraiu esse vírus, como morreu em junho de 2020. Reportagem disponível em: <https://portalcorreio.com.br/pastor-contrain-solamento-morre-covid-19/>

¹² No auge do período de contaminações e, com as redes hospitalares em pleno caos, padre católico critica quem deixa de reunir-se com os irmãos de fé, para celebrarem todos juntos, as missas dominicais. Reportagem disponível em <https://portalcorreio.com.br/pastor-contrain-solamento-morre-covid-19/>

santuário é a casa de Deus, uma vez que nela não se promove o direito e a justiça, por isso, esse local se tornou, na verdade, uma casa de iniquidade. Esta também é uma denúncia, para que os templos religiosos se transformem em propagadores do direito e da justiça, promotores da vida; seja esta de quem for. O Senhor está do lado do altar, afirmando que se não for dessa forma, Ele não se alegrará com suas liturgias.

Então, é preciso reconstruir a casa/muro/muralha: a nova maneira de relacionar-se, com Deus e com os injustiçados. Este “novo modo” também é resultado das relações interpessoais, pois a utilização do prumo, anunciado na visão do profeta, pressupõe a existência de matéria feita pelo ser humano (tijolos, massa...). Assim, a reconstrução de Israel, comparada a reconstrução dos muros, aponta para uma nova forma de se relacionar com Deus, a partir do material existente das/nas relações humanas. Relações essas que já não se fazem somente com quem está fisicamente do lado, ou com quem participa das mesmas celebrações litúrgicas, mas com a humanidade inteira.

Esse é outro ensinamento que Amós dá. Nesse tempo, em que o mundo vivencia uma pandemia, o profeta aponta para as relações que vão para além da cidade onde se está. Ele começou sua profecia demonstrando conhecimento de geopolítica, denunciando as injustiças cometidas por oito nações, alertando que as pessoas de hoje, precisam conhecer as realidades que vão para além de suas próprias localidades. Diante de um vírus que comprova a inter-relação entre todos os seres humanos, o conhecimento de geopolítica insere-se na importância de que os seres humanos habitam todos em uma Casa Comum, e denunciem as injustiças cometidas também em outras localidades.

Este pode ser um ensinamento desse tempo de que chama hoje. Há uma profecia do século VIII a.C., indicando o valor de uma ‘pessoa comum’, ter conhecimento das realidades injustas, e denunciar as ações cometidas por diferentes nações. O texto profético está na direção de legitimar o conteúdo bíblico, ajudando a superar todos os preconceitos que possam existir contra quem denuncia injustiças, seja por causa da sua origem humilde, como se fosse um sem-terra, um sem-casa, um menor de rua, um portador de HIV, um homossexual, seja porque é um “estrangeiro”, um “nordestino”, um que não pertence a uma hierarquia religiosa etc.

Hoje, com publicidade de notícias mundiais, fortifica-se a importância de tornar conhecidas as articulações que geram injustiças, sejam esta cometidas por pessoas, grupos ou nações. Da mesma forma, fica a esperança que essa pandemia possibilite o aumento do sentimento de *fratelli tutti*, entre todas as pessoas da face da terra. E, é nessa esperança que consolida o exercício profético de que o amanhã será melhor, pois,

assim como poetisa Jorge Pereira Lima, também “eu acredito que o mundo será melhor, quando o menor que padece acreditar no menor”.

A denúncia das injustiças cometidas por grupos também é um alerta que o profeta Amós traz para o tempo de hoje. Isto porque, inclusive nessa pandemia, continuam fartando-se e se enriquecendo à custa do sofrimento de muitos outros. O fato de esse profeta ter saído de sua terra, Técuá, e ir a Israel, interceder pelos injustiçados, exorta a cada um (a), estar atento (a) às manifestações divinas, a favor de quem sofre os males temporais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das diversas manifestações de uma injustiça estruturada por aquela sociedade, o profeta aponta a solução: converter-se a Deus e viver a justiça. Não são duas propostas-ações, mas uma só! Um só caminho. Buscar a Deus e viver a justiça são ações que se complementam, pois uma postura está intrínseca à outra. As pessoas, os grupos estruturados, a sociedade, todos são chamados a voltar-se para a prática da justiça, buscando aquele que é a sua origem!

Trata-se de uma mudança de vida e não de uma ou outra prática. Se, naquela época, a perversão da justiça para com os pobres, a opressão dos empobrecidos e a exploração das pessoas mais enfraquecidas, fez-se com que o Senhor Deus se manifestasse como aquele que iria destruir o existente para surgir algo novo, também nesse momento em que o planeta está passando, urge a ação divina.

Recorda-se que o profeta não foi compreendido, nem mesmo por Amasias, o sacerdote de Betel (5,10-17), mas nem por isso, deixou de profetizar. Atitude esta que convida os profetas de hoje a se colocarem tanto como porta vozes de Deus, contra as injustiças humanas, como intercessor dos que sofrem. Devem interceder à Deus para que Ele abrevie de seus sofrimentos. Não em forma de morte, mas de vida, para que a desgraça não os atinja (9,10). Desgraça essa que pode ser vista na forma de uma pandemia. Por isso, buscar a Deus e viver a justiça são, na verdade, duas facetas de uma mesma realidade.

Outro dado importante, diz sobre as várias leituras de um único texto bíblico. A perícopes de Am 4,1-3 apontou que não há uma única possibilidade de se ler um texto bíblico, especialmente porque esse pode tanto ser resultado de mentalidade de quem proferiu o oráculo, como também, pelos que fizeram modificações na obra, antes dela

ser canonizada ou mesmo interpretações de seus copistas e tradutores. Desta maneira, a referência feita sob as “vacas de Basã”, pode ser feita tendo presente diferentes pessoas/grupos.

É importante levantar nossas vozes e dizer que não vamos mais aceitar leituras e interpretações que responsabilizam as mulheres por serem causadoras do mal no mundo, como defende o autor do livro de Eclesiástico: “Foi pela mulher que começou o pecado e é por causa dela que todos nós morreremos” (Eclo 25,24); e que por isso justificam o seu silenciamento e a sua submissão, como defende o autor da Carta a Timóteo: “Adão não foi enganado, mas sim a mulher, que, tendo sido enganada, tornou-se transgressora. A mulher deve ficar em silêncio, ser submissa ao homem, e ser salva pela maternidade” (1Tm 2,12-15).

Devemos levantar nossas vozes e lembrar que o texto de Gn 3 quer revelar que o mal e o sofrimento é por causa da ganância por poder e riquezas dos reis, dos seres humanos que estão no poder político, econômico e religioso, os “Touros de Basã”!

Desta forma, a profecia de Amós, embora tenha ocorrido no século VIII a.C, é profundamente atual. Sendo dizível ao momento presente, pode-se reafirmar que podemos entendê-la na ótica da luta pelo direito e a justiça, como **um tempo que se chama hoje**.

REFERENCIAS

- DREHER, Carlos A. **Quem eram realmente as Vacas de Basã?** Um Exercício De Interpretação à base da crítica textual. Rev. Caminhos, Goiânia, V. 14, N. 1, p. 10-15, Jan./Jun. 2016.
- FONSATTI, J. Carlos. **O profetismo**. Petrópolis, Vozes. 2002
- LOURENÇO, Erike Couto. **As Imagens Rurais e a Busca do Bem Comum na Mensagem de Amós**. XIII Simpósio Internacional FAJE, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://faje.edu.br/simpósio2017/arquivos/comunicacoes/nao_doutores/Erike%20Couto%20Louren%C3%A7o.pdf> Acesso: 14 jun. 2021.
- MARTOCCIA, Giovanni. **A Bíblia ao alcance de todos: introdução ao Antigo Testamento**. Vol 2 Ed. Belém, 2011.
- MICHAEL, Barré, Amós. *in*: BROWN, Raymond; FITZMYER, Joseph; MURPHY, Roland. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2007. p. 437-449.
- MOREIRA, Gilvander. **Profeta Amós, conspirador e subversivo?** Site do Frei Gilvander., 2012. Disponível em: <<https://gilvander.org.br/site/profeta-amos-conspirador-e-subversivo/>> Acesso em: 15 jun 2021.
- REIMER, Haroldo. Amós - Profeta de juicio y justicia. *In*: Los libros proféticos La voz de los profetas y sus relecturas. **RIBLA** 35-36, p. 153-190. Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal 2000. Disponível em: <<https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/35-36.pdf>> Acesso em: 15 jun 2021.

SCHWANTES, Milton. **A terra não pode suportar suas palavras**: reflexão e estudo sobre Amós. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus. 2006.

(Recebido em maio de 2021; aceito em junho de 2021)